

José Machado Pais e Manuel Villaverde Cabral (coordenadores), Pedro Moura Ferreira, Vítor Sérgio Ferreira e Rui Telmo Gomes (2003), **Condutas de Risco, Práticas Culturais Atitudes Perante o Corpo – Resultados de Um Inquérito aos Jovens Portugueses**, Oeiras, Celta.

Ana Cotrim

No âmbito do protocolo assinado entre a Secretaria de Estado da Juventude e Desportos e o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, em Abril de 1996 “previa-se a realização de dois inquéritos à população jovem portuguesa (dos 15 aos 29 anos), com base em amostras estatisticamente representativas dessa coorte etária, a nível nacional, e com a fixação e replicação de alguns indicadores do inquérito realizado em 1987” (p. ix).

Os resultados do primeiro inquérito foram já publicados, em 1998<sup>1</sup>, sendo o presente livro o mais recente resultado visível do referido protocolo que, tal como o título indica claramente, se organiza em torno de três temáticas: Condutas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes Perante o Corpo.

À diversidade das temáticas (e dos estilos dos autores) subjaz, contudo, uma coerência advinda da partilha de um quadro conceptual comum, ora pressentido, ora explicitado, mas presente ao longo dos diferentes capítulos.

Apesar do estilo assumidamente interpretativo e descritivo, os textos que o constituem não raras vezes ultrapassam a “mera” descrição dos resultados do inquérito, incluindo, amiúde, referências teóricas que enquadram e justificam as escolhas dos autores, aliás, todos eles com produção científica na área da Juventude.

De salientar (e saudar) também a inclusão do instrumento de notação utilizado (inquérito), bem como a disponibilização para a cedência dos dados a outros investigadores com vista a posteriores aprofundamentos. Num contexto científico em que muitas vezes não impera a troca de instrumentos e a partilha de experiências, exemplos desta natureza serão sempre bem-vindos.

O 1.º capítulo, Situações Juvenis de Transição para a Idade Adulta, da autoria de Pedro Moura Ferreira, tem por objectivo dar conta dos principais indicadores de caracterização sociográfica.

Associada à concepção sociológica de juventude surge a noção de transição para a vida adulta, sendo que este conceito pode assumir três sentidos distintos: o de passagem (entre situações etárias e sociais diferentes), o de movimento (na medida em que essa passagem é dinâmica e circunscrita no tempo) e o de combinação (já que esta transição é feita de situações e de tempos diferentes).

“Visando desenvolver uma caracterização que privilegiasse o sentido de combinação, procurámos construir uma tipologia de situações sociais de transição com base (...), na articulação entre os domínios ocupacional e familiar. No entanto, as situações ocupacional e familiar dos jovens têm de ter em conta a idade, porquanto esta define um momento numa trajectória que se presume que venha a desenvolver-se numa direcção socialmente expectável, e duas outras variáveis, o género e a classe social, que, enquanto fontes de diferenciação social, modelam e condicionam as entradas e as saídas nos diferentes estatutos ocupacionais e familiares. Deste modo, a caracterização que procuraremos desenvolver visa identificar situações juvenis, que resultam da coordenação entre diferentes estatutos e papéis, mas que, simultaneamente, tomam em consideração as principais fontes de segmentação social – a idade, o género e a classe social” (p. 3-4).

Num primeiro momento, o autor descreve as principais situações de transição juvenil relativas à “autonomização dos jovens em relação à família de origem” (conjugalidade, parentalidade e estatuto residencial), bem como as situações juvenis de transição ocupacional, ou seja, as relativas à passagem da escola para o mercado de trabalho.

Num segundo momento, procede-se à “combinação” das três tipologias decorrentes da análise anterior (familiar, residencial e ocupacional). Como resultado surge, então, uma nova tipologia que proporciona um olhar agregador e simultâneo dos diferentes tipos de situações de transição juvenil.

<sup>1</sup> Cabral, M. V. e J. M. Pais (orgs.) (1998), *Jovens Portugueses de Hoje*, Oeiras, Celta.

Apesar de não fazer parte de “uma descrição sociográfica, em sentido restrito”, é possível encontrar, neste capítulo, um olhar sobre as variáveis posicionamento religioso e político dos inquiridos. A opção justifica-se pela importância que estas variáveis têm sobre determinadas representações e práticas.

Da responsabilidade de Pedro Moura Ferreira é também o 2.º capítulo, Comportamentos de Risco dos Jovens, onde o autor fundamenta a pertinência da abordagem do risco em contexto juvenil mediante a assunção de que “no mundo actual, as transições juvenis entre a família, a escola e o trabalho confrontam-se com novos riscos e oportunidades que as gerações mais velhas não conheceram e, por conseguinte, muitas das opções que os jovens tiverem de fazer terão desenvolvimentos e consequências que dificilmente podem ser antecipados. (...) [Por outro lado] a juventude tem sido tradicionalmente vista como um período de exploração e de descoberta pelo que a experiência do risco é inerente a muitos dos estilos de vida juvenis” (p. 41).

Com o inquérito procurou-se analisar também alguns dos riscos a que a juventude portuguesa está mais exposta. Este objectivo pressupunha a definição prévia de risco e de comportamento de risco, assumidos, neste como “comportamentos dos quais podem resultar consequências dolorosas para os seus actores, sejam físicas, como no caso dos acidentes, sejam consequências de índole social, como no caso dos comportamentos ilícitos” (p. 42). A presente definição circunscreve operativamente o risco a apenas alguns comportamentos, a saber: práticas sexuais; consumo de tabaco, álcool e outras drogas; consumos alimentares e acidentes rodoviários.

Ao longo do capítulo, o autor analisa cada um deste quatro riscos de “per si”, procedendo à inventariação da sua incidência e à caracterização dos actores envolvidos. Para um último momento, fica a análise das “relações e as associações entre os comportamentos de risco e determinadas variáveis que se supõe exercerem efeitos significativos no desenvolvimento desses mesmos comportamentos” (p. 42).

A interdependência entre comportamentos de risco foi uma das conclusões resultante da análise multidimensional realizada. A identificação de perfis sociais semelhantes e as correlações directas verificadas entre diversos comportamentos de risco levam o autor a reconhecer a existência de factores comuns que tendem a proporcionar condições favoráveis ao surgimento de riscos.

De realçar a constatação que nos estilos de vida juvenis onde é mais evidente o risco, a subestimação e o reforço da atracção pelo próprio risco são uma constante. Por outras palavras, o risco exerce um poder atractivo e as possíveis consequências negativas são subestimadas e, na eventualidade do reconhecimento de poderem vir a acontecer, remetidas para um futuro longínquo.

Outra das conclusões deste inquérito foi a de que “apesar de poderem ter consequências negativas, os riscos constituem, em alguns casos, elementos positivos de afirmação das identidades juvenis” (p. 166)

No 3.º capítulo, Sociografia dos Lazeres e Práticas Culturais dos Jovens Portugueses, Rui Telmo Gomes propõe uma descrição das múltiplas dimensões dos tempos livres juvenis. As representações que os jovens constroem acerca dos seus lazeres, bem como “as ocupações de tempo a que se dedicam de acordo com uma tipologia de modalidades de tempos livres, onde se distinguem as actividades realizadas dentro do espaço doméstico e fora dele, as actividades de produção e recepção simbólica, as actividades que correspondem a diversas orientações de participação, de expressão e de informação” (p. 167) são ainda algumas das variáveis abordadas.

Em termos dos tempos livres juvenis, assumem especial relevo as sociabilidades, já que 42% dos jovens indicaram, como ocupação preferencial, o convívio com os amigos, muito longe dos 18% atribuídos à diversão ou dos 8% de fuga à rotina.

A percepção que os jovens portugueses têm dos tempos livres varia consoante um conjunto de variáveis que previsivelmente condicionam a disponibilidade de tempo. Em concreto, para o grupo de jovens que vivem numa “família de procriação”, casados ou em coabitación e com filhos, o convívio familiar assume maior importância do que o convívio com amigos, verificando-se a tendência contrária nos jovens que vivem com a sua família de socialização, não são casados e não têm filhos.

O autor dedica especial atenção, quer às práticas relacionadas com a música (na medida em que esta assume um papel central no lazer juvenil), quer à “exploração das imagens e vivências juvenis relacionadas com as saídas nocturnas” (p. 167).

As práticas musicais dos jovens portugueses foram lidas à luz de: motivações e preferências musicais; estilo e procura de informação sobre música; práticas musicais e redes de convivia-

lidade; consumos musicais e uso da música no quotidiano juvenil.

As práticas de saída nocturna constituem uma dimensão distintiva do universo juvenil, levando o autor a assumir “a noite como universo juvenil”, na medida em que “sair à noite é para os jovens uma prática de saída emblemática” (p. 247).

Ao longo da análise, foi possível distinguir dois tipos de variáveis que segmentam, de modo claro, as diferentes modalidades de lazer: as variáveis de diferenciação social (por ex., nível de escolaridade do inquirido) e as variáveis relativas ao processo de transição juvenil para a vida adulta (por ex., idade, situação perante o trabalho, conjugalidade, parentalidade, etc.).

“Num contexto de tão grande valorização social do corpo, nomeadamente de determinados modelos de corporeidade que remetem para a condição juvenil, qual a adesão dos jovens portugueses a determinados regimes de controlo corporal? Em que medida estará esta adesão, na sua intensidade e diversidade de direcções ancorada à pluralidade de situações sociais que atravessa a condição juvenil? E que disposições subjectivas poderão também fundamentar determinado tipo de adesões?” (p. 268).

Em torno destas interrogações, Vítor Sérgio Ferreira estrutura o 4.º capítulo, *Atitudes dos Jovens Portugueses Perante o Corpo*, começando por identificar o que designa de “universo das disposições subjectivas dos jovens perante o corpo, em dimensões cognitivas que o seu tratamento mediático consegue captar” (p. 268). Os resultados do inquérito revelaram o elevado interesse dos jovens portugueses por assuntos mediáticos directamente associados a regimes corporais, como, por exemplo, a alimentação e saúde, o desporto ou a moda, imagem e cuidados com o corpo. Estes dados reafirmam a importância central que estas dimensões têm nos processos juvenis de construção identitária.

Neste sentido, importava apreender a avaliação que os jovens fazem da sua própria corporeidade, no que diz respeito ao seu aspecto e forma corporal, mas também captar a percepção do perigo perante alguns comportamentos de risco especificamente relacionados com o corpo.

Posteriormente, o autor propõe-nos a análise, explicitação e dimensão das atitudes e práticas efectivas dos jovens portugueses em termos dos diversos regimes corporais, de natureza desportiva e de vigilância e controlo do corpo (alimentação e higiene), bem como a análise das atitudes perante

algumas práticas de modificação corporal e as modalidades de produção da imagem através dos objectos usados para revestir o corpo.

A José Machado Pais coube o 5.º e último capítulo, *Grupos Juvenis: Condutas e Imagens*. Nele, partindo dos resultados da análise factorial de correspondências múltiplas realizada, o autor produz um olhar cruzado e transversal sobre os resultados do inquérito. Este olhar é orientado por dois eixos problemáticos: “a determinação dos factores que mais se associam às condutas de risco” e “a justificação dos investimentos de imagem que os jovens fazem, enquanto recursos de afirmação identitária de pertença e de diferenciação” (p. 368).

Na opinião de José Machado Pais, o recurso à análise factorial de correspondências múltiplas possibilitou “um salto metodológico qualitativo de um nível elementar de questionamentos sobre os efeitos que uma determinada variável exerce sobre um dado comportamento para o questionamento das variáveis que, constelativamente, aparecem associadas a esse ou outros comportamentos” (p. 368).

Desta análise resultou a constituição de seis grupos, a saber: 1. alinhados e solteiros; 2. apáticos e pré-modernos; 3. jovens adultos e recatados; 4. sedutores, cultos e precavidos; 5. hedonistas e convivalistas e 6. rebeldes e toxicodependentes.

Num primeiro momento, o autor fundamenta as designações atribuídas, dando conta das principais variáveis que caracterizam cada grupo, bem como dos respectivos peso e expressão que têm no conjunto da população inquirida.

Num segundo momento, procede à análise transversal, recorrendo, para isso, aos dois eixos problemáticos atrás referidos.

Sobre o interesse e a pertinência destes eixos, Machado Pais não se alonga, remetendo o leitor para outros autores que o fazem com maior profundidade. Mas o autor, especificamente no que diz respeito às condutas de risco, defende a vantagem do olhar proposto na “descoberta de realidades camufladas, ora por distrações sociológicas, ora por opiniões tautológicas” (p. 368).

Quanto ao segundo eixo, investimentos na imagem, e alertando, desde logo, para a falta de arrojo na enunciação da hipótese de partida (“os investimentos na imagem corporal contribuem para a construção da identidade dos jovens, conferem-lhe uma expressão simbólica de poder, uma vez que os jovens se diferenciam entre si através de atributos distintivos” (p. 369), o autor remete o desafio e o arrojo para a sua demonstração.